

RELIGIÃO X POLÍTICA



Marco A. Pinheiro

PREFÁCIO

Essa obra tem como finalidade expandir a compreensão de dois grandes pilares da sociedade: a RELIGIÃO e a POLÍTICA, de uma forma simples e objetiva, apenas analisando fatos e buscar o discernimento quanto ao que é certo e errado dentro de uma perspectiva de equilíbrio.

O OBJETIVO DESSE LIVRO É ABRIR A MENTE DAS PESSOAS QUANTO AO PODER QUE CADA UM DE NÓS TEMOS.

Entender que tudo que fazemos e absolutamente tudo, é de responsabilidade de cada um de nós, não adianta colocarmos a culpa em outras pessoas, pois se está ruim é porque nós fizemos errado, ou ainda, porque deixamos de fazer algo certo, o que é praticamente a mesma coisa.

Não existe diferença entre nós, todos somos iguais em potência, isso quer dizer que cada um tem uma facilidade com algo, mas com conhecimento e perseverança, podemos chegar onde quisermos, ninguém é melhor que ninguém, o que nos difere é conhecimento, discernimento e oportunidade, que podem ser adquiridos.

Há pessoas que tinham muito e hoje não tem nada e pessoas que não tinham nada e hoje tem muito, o que diferem essas pessoas são as escolhas que elas fizeram na vida, mas isso não tem a ver com ser melhor ou pior.

Cada um de nós tem um caminho, um papel a desempenhar e que fique claro, toda e qualquer decisão que você tome, toda e qualquer ação que você faça, nunca impacta somente você, desde a menor até a maior coisa que você possa fazer, vai impactar todos ao seu redor, pode ser muito, pode ser pouco, mas vai, então entender a responsabilidade que você tem, não somente para consigo mesmo, mas para com os outros também, é o passo mais importante que você dá no caminho da iluminação.

Esse livro é dedicado a todos aqueles que mesmo com tantas dificuldades, ainda assim mantêm a vontade e a coragem de seguir lutando por um mundo mais justo e harmônico.

“O BEM E O MAL SÃO EXTREMOS DE UMA MESMA FORÇA, O SER HUMANO.”

RELIGIÃO

Para entendermos qualquer coisa, temos que fazer o exercício de verificar o início e o porque aquilo existe, qual foi o motivo pelo qual foi criado e a partir daí seguir o caminho que aquilo tomou, as mudanças ao longo do tempo e o porquê, para que tenhamos todos os ingredientes necessários para formar uma opinião sobre qualquer tema e não sermos enganados com meras narrativas impostas afim de sermos manipulados.

A palavra RELIGIÃO vem do latim, e já aqui nós encontramos diferentes perspectivas quanto ao significado da palavra, alguns a interpretam como “Religare” o que significa religar, se reconectar a algo, nesse caso, se reconectar a algo maior que você, algo de origem que se perdeu, outros a interpretam como “Relegere” o que significa reler, visitar ou retomar o que estava largado, Relegere vem da palavra Religio que significa respeito, tanto um como outro nos remetem a busca por algo, algo que eu preciso me religar, algo que eu preciso retomar, algo que eu preciso respeitar.

Podemos afirmar que a base da religião é o aprimoramento em todos os sentidos, pois a evolução se dá na mente, no entendimento, na matriz, e automaticamente quando você acessa uma faixa superior de entendimento, você muda seu modo de pensar e de perceber as coisas e essa mudança de percepção faz com que você aplique essa nova forma de ver as coisas em tudo que está ao seu redor, alterando assim a sua realidade, entenda que as coisas são como são porque nós fazemos elas serem assim, portanto uma boa base religiosa pode ser aplicada não só na religião, mas também no trabalho, na política, no lazer, na saúde, enfim em tudo que fazemos, individualmente e coletivamente.

Podemos afirmar portanto que a religião está para o bem, individual e coletivo, sempre juntos, nunca apenas para um, pois o bem individual é o bem coletivo e o bem coletivo é o bem individual, para que haja a harmonia é preciso respeitar a forma que cada um entende ou interpreta essa conexão com o divino, pois isso vai depender da história, cultura e crenças locais, por isso temos tantas religiões no mundo e nenhuma é melhor ou pior que a outra, nem existe religião certa ou errada, apenas formas de crenças diferentes.

Mas existindo tantas formas de crença no mundo, acaba acontecendo uma segregação, ou seja, pessoas de crenças diferentes tendem a não se misturar, e isso vai contra os princípios de qualquer religião que é agregar, porém agregar as pessoas daquela crença em específico, agora a coisa começa a complicar, porque todos temos liberdade de crença, posso acreditar naquilo que eu quiser, porém tem que ser no lugar certo, com as pessoas certas.

E agora começamos a entender um pouco mais sobre religião:

“RELIGIÃO É A PERSPECTIVA HUMANA SOBRE O QUE É DIVINO”

Por isso existem tantas religiões, porque dependendo da história, cultura e crenças forma-se uma visão popular do mundo espiritual, onde pode haver Deus, Deuses, seres míticos, anjos, demônios e essa crença é sustentada pelas experiências daquele povo e claro a perspectiva sobre aquelas experiências.

Nós só poderemos comprovar a nossa crença quando nos tornarmos aquilo em que acreditamos, pois eu não posso entender o divino sendo humano, só vou entender o divino quando eu me tornar divino, assim como a criança só vai entender o que é ser adulto quando chegar a fase adulta. Seguindo essa linha de raciocínio eu não posso de forma nenhuma afirmar que a minha religião é a melhor, ou é a única que salva, porque provavelmente eu esteja falando uma mentira e todos sabemos que mentira é pecado, na crença popular, e pecado nos leva para o inferno, mas eu posso afirmar que a minha religião é a melhor para mim, isso sim, cada um tem seu caminho e escolhe em que acreditar.

Uma frase que eu sigo e ensino é a seguinte:

“EU NÃO SEI DE TUDO, POR ISSO NÃO DUVIDO DE NADA”.

Se alguém acredita em gnomos, e acredita que eles podem ajudar essa pessoa a evoluir espiritualmente, isso deve ser respeitado, certo e errado não podem ser encarados como convenções sociais, ou seja, por maioria de votos. Ninguém nunca viu um gnomo, mas também ninguém nunca viu Deus, ninguém nunca viu Orixás, mas mesmo assim acredita-se que eles existam - E SE TODOS ESTIVERMOS ERRADOS? E se fomos levados a acreditar nisso, justamente para sermos manipulados mais facilmente, com tantas religiões e culturas diferentes não há união entre os povos - dividir para conquistar, a arte da guerra. Claro que não quero criar aqui uma teoria de conspiração, mas muito provavelmente você nunca pensou nisso, esse foi apenas um exercício para abrir sua mente, não que isso que eu disse seja verdade, mas temos que aprender a “pensar fora da caixa”.

Tendo em vista que a religião é uma visão humana sobre o divino, vem a questão - Qual humano? e aqui devo explicar algo de forma clara e inequívoca, a religião é uma coisa, o religioso é outra, nenhuma religião é ruim, ruim as vezes é a interpretação que o religioso faz da religião e pior que isso, a manipulação perversa dos ensinamentos afim de validar suas narrativas malignas. Infelizmente nenhuma religião escapa desses falsos sacerdotes, mas não podemos culpar a religião, pois a religião é a base moral e espiritual de uma doutrina, assim como existem maus religiosos, o mundo está cheio de bons religiosos, mas muito cuidado ao defender pessoas, devemos defender a fé, pois a fé é a base.

Vamos agora entender um pouco das diferentes crenças pelo mundo, pois o entendimento trás clareza de pensamento e afasta o fanatismo religioso.

Não há como dizer com certeza qual a primeira religião do mundo, de acordo com dados históricos acredita-se que o hinduísmo tenha sido a religião mais antiga que temos ciência hoje.

Hinduísmo (1.500 A.C.):

Sua doutrina é complexa, é uma daquelas tradições que parecem ter sido escritas por várias mãos ao longo de muitos séculos, como um épico coletivo. Em vez de ter um “fundador”, ele funciona como um ecossistema espiritual. Dá para resumir as bases não como dogmas fixos, mas como forças gravitacionais que mantêm tudo orbitando.

Pense nas principais:

O Brahman é o pano de fundo de tudo. É a realidade última, sem forma, sem começo, sem fim. Não é um deus no sentido ocidental; é mais como o tecido do universo. Toda forma de existência seria uma manifestação dele.

O Atman é a centelha interior, a identidade profunda. É aquilo em você que não envelhece, não muda, não derrete com o tempo. Boa parte da jornada espiritual hindu está em reconhecer que Atman e Brahman são, de alguma maneira misteriosa, a mesma coisa.

O mundo gira pela lógica do karma, entendido como ação e consequência em um sentido moral e existencial. Não é punição divina; é mais como uma conta energética que sempre se equilibra. Isso explica o samsara, o ciclo de renascimentos. A vida não é uma única partida; é uma série de tentativas, com cada escolha deixando rastro.

O objetivo final é o moksha, a libertação desse ciclo. Não é escapar do mundo como quem foge da fila do banco; é dissolver a ignorância que faz alguém acreditar que é separado do todo. É uma iluminação que dá a sensação de acordar de um sonho longo.

Os caminhos para isso variam. Alguns seguem o jñana yoga, o caminho do conhecimento filosófico. Outros seguem o bhakti yoga, a devoção amorosa a uma divindade como Vishnu, Shiva ou Devi. Há quem prefira o karma yoga, que é viver de forma ética e desprendida no cotidiano. Cada estilo funciona como uma trilha diferente na mesma montanha.

A mitologia hindu oferece um panteão vasto e colorido. Esses deuses — Shiva, Vishnu, Brahma, Krishna, Durga, Ganesha — não competem como times de futebol; são expressões do mesmo princípio cósmico. Eles servem como símbolos pedagógicos para falar de forças universais: destruição que gera renovação, preservação, compaixão, sabedoria, caos fértil.

Os textos sagrados também formam um mosaico. Os Vedas são os mais antigos. Os Upanishads trazem reflexões filosóficas. O Bhagavad Gita é um diálogo épico sobre dever e consciência no meio de um campo de batalha. Já os grandes épicos, Ramayana e Mahabharata, usam narrativa para ensinar ética e dilemas humanos.

O hinduísmo é enorme, mas sua espinha dorsal é essa: uma visão de mundo onde tudo está conectado, tudo muda, tudo retorna, e qualquer ser pode despertar para algo maior. A religião funciona como um conjunto de lentes, e cada praticante escolhe a lente que faz mais sentido.

Judaísmo (1.200 A 1.000 A.C.):

O judaísmo é uma tradição que carrega a sensação antiga de um povo conversando com seu Deus através dos séculos. Em vez de surgir como um sistema religioso “pronto”, ele amadurece junto da própria história de Israel. A base dele é uma espécie de contrato moral entre um povo e uma divindade que exige responsabilidade, justiça e memória.

No centro está a ideia de monoteísmo ético. Não é apenas a crença em um único Deus; é a crença de que esse Deus se importa com o comportamento humano. Ele não funciona como um ídolo tribal que protege seu time, mas como um princípio moral que chama o mundo à justiça. Isso é revolucionário para a época em que essa visão se formou.

Esse Deus se revela através da Torá, que significa “ensinamento” ou “caminho”. Ela reúne leis, histórias, narrativas de origem, rituais e, acima de tudo, uma visão ética. Não funciona como um manual de regras frias, mas como um guia que tenta moldar a vida coletiva. A Torá é parte do Tanakh, o conjunto de escrituras judaicas que inclui também Profetas e Escritos.

O judaísmo também é profundamente histórico. A relação com Deus é narrada em eventos concretos: a saída do Egito, a travessia do deserto, a formação de Israel, os exílios, os retornos. Cada geração é convidada a lembrar, contar e reinterpretar. Memória vira prática espiritual.

A vida judaica se organiza em torno de mitzvot, mandamentos que cobrem rituais e ética cotidiana. Vão desde descansar no Shabat até práticas de justiça social, como cuidar dos vulneráveis e equilibrar poder e riqueza. A ideia é que espiritualidade não vive num templo distante, mas no que se faz durante a semana.

Ao longo dos séculos, surgem diferentes formas de interpretar tudo isso. O judaísmo rabínico se torna dominante depois da destruição do Segundo Templo, desenvolvendo o Talmude, uma longa conversa sobre como viver a Torá num mundo que muda. É uma tradição que valoriza o debate; discordância é vista como ferramenta de entendimento, não ameaça.

Outra característica marcante é a identidade de povo, não apenas fé. Ser judeu pode envolver herança, cultura, língua, costumes e memória coletiva, além da religião em si. Isso cria uma sensação muito forte de continuidade, como se cada pessoa estivesse carregando uma chama acesa há milênios.

O judaísmo também lida com a tensão entre justiça e misericórdia, lei e interpretação, providência divina e responsabilidade humana. Essa tensão é fértil — gera filosofia, literatura, debates intensos, e um senso de que viver bem exige coragem intelectual.

Zoroastrismo (1.000 A.C.):

O zoroastrismo é uma daquelas joias antigas que quase todo mundo já ouviu citar, mas poucos conhecem de verdade. Ele não é apenas “mais uma religião antiga”; é uma das matrizes que moldou grande parte do imaginário religioso do Oriente Médio — e, por desdobramento, influenciou o judaísmo tardio, o cristianismo e o islamismo. Está presente como uma sombra histórica que ajudou a desenhar ideias de céu, inferno, juízo final e batalha entre forças do bem e do mal.

Tudo começa com Zaratustra (ou Zoroastro), um profeta que viveu provavelmente entre 1500 e 1000 a.C., embora as datas variem. Ele aparece como uma figura reformadora, criticando práticas religiosas antigas e propondo algo radicalmente simples: o universo é governado por um princípio de bondade, e cabe ao ser humano escolher de que lado está.

A base é o culto a Ahura Mazda, o “Senhor Sábio”. Não é um deus guerreiro, não é um espírito tribal. É a própria luz da verdade, a inteligência cósmica que sustenta tudo. Em oposição a isso está Angra Mainyu (ou Ahriman), o espírito destrutivo. Só

que essa oposição não é um cabo de guerra eterno; na visão zoroastriana, o bem vence no final. O universo inteiro está numa jornada moral.

O interessante é que o ser humano se torna um protagonista. Cada pessoa carrega a responsabilidade de escolher entre asha (verdade, ordem, retidão) e druj (mentira, caos, engano). Essa escolha não é apenas ética; é cósmica. É como se cada ação humana pesasse na balança universal.

O zoroastrismo também introduz conceitos que soam muito familiares hoje. Há a ideia de um julgamento individual após a morte, em que a alma cruza a “Ponte do Separador”: se viveu na verdade, a ponte se alarga e leva ao paraíso; se viveu no engano, ela se estreita e despenca para um estado de tormento. Há também uma visão de renovação final do mundo, um tipo de apocalipse restaurador, onde o mal é destruído definitivamente e a criação é purificada.

Os textos sagrados formam o conjunto chamado Avesta, com destaque para os Gathas, hinos que muitos acreditam ser compostos pelo próprio Zaratustra. Eles têm uma linguagem poética e filosófica, mais parecida com reflexão do que com mitologia épica.

Na prática cotidiana, o zoroastrismo valoriza três pilares:

Bons pensamentos. Boas palavras. Boas ações.

É simples, direto e, ao mesmo tempo, ambicioso — um código de ética que tenta alinhar vida pessoal e ordem cósmica.

Apesar de ter sido a religião oficial do Império Persa por séculos, hoje é uma tradição pequena, preservada principalmente por comunidades parsis na Índia e grupos no Irã. Mesmo assim, sua influência histórica é gigantesca, como uma raiz subterrânea que alimentou várias árvores religiosas posteriores.

Budismo (6 A.C.):

O budismo é uma espécie de laboratório interno criado a partir da experiência de um único homem — Siddhartha Gautama — que viveu no século VI a.C. no norte da Índia. A proposta dele não era construir uma religião no sentido clássico, e sim investigar a mente humana e criar um método para lidar com o sofrimento. Com o tempo, isso cresceu, virou filosofia, virou tradição espiritual, virou cultura, e hoje é um dos sistemas de pensamento mais influentes do planeta.

A história começa quando Siddhartha, inquieto com o peso da dor humana, decide abandonar sua vida confortável para entender o que está por trás do sofrimento.

Depois de anos de prática intensa, ele chega ao que chama de iluminação — não uma visão sobrenatural, mas um insight profundo sobre a natureza da realidade e da mente. A partir disso, ele se torna o Buda, que significa “aquele que despertou”.

O coração do budismo está nas Quatro Nobres Verdades. O nome parece pomposo, mas o conteúdo é direto:

A vida inclui sofrimento — físico, emocional, existencial.

Esse sofrimento tem causas — desejos, apegos, medos, ilusões.

É possível acabar com o sofrimento — não eliminando a vida, mas transformando a forma como se relaciona com ela.

Existe um caminho para isso — o Nobre Caminho Óctuplo, uma espécie de trilha prática que mistura ética, atenção e disciplina mental.

Esse caminho não é uma lista de mandamentos, mas um mapa de treinamento. Envolve agir de forma ética (não ferir, não mentir, não viver de maneira destrutiva), cultivar atenção plena e desenvolver sabedoria. A ideia é treinar a mente para enxergar a realidade sem as distorções que causam sofrimento.

O budismo também é famoso por sua noção de impermanência: tudo muda o tempo todo — pensamentos, emoções, corpos, relacionamentos, mundos inteiros. Sofremos quando tentamos travar o que é fluido. Há também o conceito de não-eu: não existe um “eu” fixo e eterno; somos um fluxo de processos físicos e mentais, como uma chama que muda sem parar mas continua sendo chama.

O estado final buscado é o nirvana, que não é um “céu”, mas a libertação do ciclo de sofrimento e ignorância. É uma mudança de percepção tão profunda que a pessoa passa a existir com leveza radical.

Com o tempo, o budismo se expandiu e ganhou estilos diferentes. O Theravada, mais presente no sudeste asiático, enfatiza a disciplina e o estudo direto das palavras antigas do Buda. O Mahayana, comum na China, Coreia e Japão, expandiu a ideia de compaixão universal e introduziu figuras como os bodhisattvas, seres que adiam a própria iluminação para ajudar outros. O Vajrayana, no Tibete, usa rituais e práticas meditativas sofisticadas, quase como uma engenharia espiritual.

O fascinante é que, mesmo com tanta diversidade, o budismo mantém o núcleo: a mente pode ser treinada, o sofrimento tem causas identificáveis e a libertação é possível por meio de prática e compreensão.

Taoísmo (6 A.C.):

O taoísmo parece uma conversa antiga entre seres humanos e o próprio movimento da natureza. Em vez de apresentar mandamentos rígidos, ele funciona como um convite para perceber o ritmo do mundo — e, percebendo, entrar em sintonia com ele. É uma tradição chinesa que mistura filosofia, espiritualidade, poesia e uma boa pitada de paradoxo.

A palavra central é Tao. Traduzir isso é sempre uma batalha perdida, porque “Tao” não é um objeto, nem um deus, nem um lugar. É o caminho, o fluxo, a ordem espontânea que faz as coisas serem o que são — desde o movimento das galáxias até o brotar de um bambu depois da chuva. O Tao não precisa ser forçado; ele simplesmente acontece.

Daí nasce a ideia de wu wei, geralmente traduzida como “não ação”, mas que não tem nada a ver com passividade. É agir sem empurrar o rio, agir de modo natural, sem atrito desnecessário. É como quando você faz algo tão alinhado que parece fácil, mesmo sendo complexo. O taoísmo adora essa leveza.

Os textos fundadores capturam essa visão com poesia afiada. O Tao Te Ching, atribuído a Laozi, é um conjunto de versos curtos que parecem enigmas zen. Eles falam de humildade, simplicidade, flexibilidade. Já o Zhuangzi, outro clássico, é cheio de histórias divertidas e filosóficas — tartarugas falantes, sonhos de borboleta, e paradoxos que lembram um mestre rindo enquanto desmonta certezas humanas.

O taoísmo também enxerga o mundo como um jogo de forças complementares: yin e yang. Não são opostos que se anulam, mas polos que se alimentam. Escuro e claro, quieto e ativo, inverno e verão. O truque é perceber que a vida dança entre esses dois lados, e o desequilíbrio vem quando um tenta dominar o outro.

No dia a dia, o taoísmo inspira práticas ligadas à saúde e à energia vital — como o qigong e o tai chi — que combinam respiração, movimento e presença. A ideia é cultivar o Qi, a energia que circula pelo corpo e mantém tudo funcionando de maneira harmoniosa.

Há também o lado religioso, desenvolvido ao longo de séculos, com rituais, templos, divindades, alquimia interna e externa. É um universo complexo, mas sempre guiado pela mesma bússola: viver de forma simples, alinhada, fluida.

A beleza do taoísmo está em tratar a existência como algo mais parecido com um jardim do que com uma máquina. Em vez de controlar tudo, a pessoa aprende a cultivar. Em vez de lutar contra o inevitável, aprende a se mover com ele. É uma filosofia que abraça a estranheza do mundo com um sorriso.

Jainismo (6 A.C.):

O jainismo é uma tradição que parece ter saído de um laboratório ético extremamente rigoroso. É uma das mais antigas da Índia, nascida por volta do século VI a.C., contemporânea do budismo, e sua proposta principal é radical na melhor acepção da palavra: não causar dano a nenhum ser vivo — nem no gesto, nem na palavra, nem no pensamento.

O personagem central é Mahavira, o 24º tirthankara — algo como um “construtor de passagens espirituais”. Ele não é um fundador no sentido clássico, porque o jainismo vê sua sabedoria como muito mais antiga, mas é quem organiza e fortalece o movimento. Mahavira viveu como um asceta extremo, buscando libertação através de disciplina e compreensão profunda da realidade.

O coração do jainismo é o princípio de ahimsa, a não violência. Só que aqui ele vai além do que a maioria das pessoas imagina. Não se trata apenas de não matar; é evitar prejudicar qualquer forma de vida — insetos, plantas, microorganismos. Por isso monges jainistas usam vassourinhas para varrer o chão antes de andar e às vezes cobrem a boca para não engolir seres microscópicos. Para eles, toda vida tem valor, toda vida tem alma.

Essa alma é chamada de jiva, e ela está presa ao ciclo de renascimentos por causa do karma. Mas, diferente de outras tradições indianas, o karma jainista é quase físico, como partículas de impureza que se grudam na alma quando alguém age com raiva, apego ou violência. A libertação, chamada moksha, ocorre quando a pessoa purifica completamente essa alma e ela sobe, livre, para um estado de consciência plena.

A ética jainista é muito exigente. Os votos fundamentais para os monges são:
não violência,
não mentira,

não roubo,
 não sexualidade indulgente,
 não possessividade.

Para os leigos, a ideia é praticar esses princípios na medida do possível, porque nem todo mundo pode viver como um asceta — mas todos podem cultivar uma vida mais leve e menos prejudicial.

A filosofia jainista tem outra pérola conceitual chamada anekantavada, a “doutrina da multiplicidade de pontos de vista”. A ideia é linda: a realidade é complexa demais para caber num único olhar. Cada perspectiva é parcial. Isso lembra a famosa história jainista dos homens descrevendo um elefante às cegas — cada um toca uma parte e acredita que aquilo é o todo. Em outras palavras: humildade intelectual não é opcional.

O jainismo nunca buscou se expandir agressivamente, então continua sendo uma comunidade pequena, mas extremamente influente na Índia, especialmente no comércio, na filosofia e em movimentos modernos de não violência. Muitas ideias de Gandhi, por exemplo, dialogam diretamente com a tradição jainista.

O Cristianismo (1 D.C.)

O cristianismo começa como uma pequena faísca histórica — um movimento regional dentro do judaísmo do século I — e, com o tempo, vira uma das forças culturais mais influentes da humanidade. A história dele é quase um épico que atravessa impérios, guerras, concílios, cismas e revoluções culturais.

Tudo começa na Judeia romana, uma região tensa, cheia de disputas políticas e expectativas espirituais. Nesse contexto aparece Jesus de Nazaré, um pregador judeu que falava sobre o Reino de Deus, justiça, misericórdia, cura e transformação interior. O que torna Jesus especial para seus seguidores não é só o conteúdo da sua mensagem, mas a convicção de que ele revelava algo profundamente novo sobre Deus.

Após sua morte — por crucificação, pena comum para rebeldes políticos — seus discípulos afirmam que ele ressuscitou. Esse evento é o ponto de ignição. Sem isso, o cristianismo provavelmente teria morrido nos becos de Jerusalém. Com isso, porém, a fé se espalha com surpreendente velocidade.

O primeiro grande nome depois de Jesus é Paulo de Tarso, um judeu fariseu que inicialmente persegue os cristãos, mas passa por uma experiência mística e se

torna o principal missionário. Paulo leva a mensagem para o mundo greco-romano, escreve cartas, discute teologia, e, sem querer, se torna autor de boa parte do Novo Testamento.

Durante os primeiros séculos, o cristianismo cresce nas margens do Império Romano. Não tem templos, não tem status, e muitas vezes é perseguido. Mesmo assim, atrai seguidores pela ideia de dignidade humana, solidariedade e esperança na ressurreição. É uma fé que fala tanto aos pobres quanto aos intelectuais.

A virada acontece no século IV, quando o imperador Constantino legaliza o cristianismo e, mais tarde, ele se torna religião oficial do Império Romano. Isso muda tudo: de movimento marginal, ele vira instituição. Surgem concílios para decidir doutrinas — como o Concílio de Niceia — que estabelecem ideias fundamentais sobre a identidade de Jesus, Deus e a própria Igreja.

Nos séculos seguintes, o cristianismo se ramifica. A parte oriental e a ocidental do império começam a pensar diferente, até que em 1054 ocorre o Grande Cisma: nasce a separação entre Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa.

Mais tarde, no século XVI, ocorre outra ruptura gigante: a Reforma Protestante. Personagens como Lutero e Calvino criticam abusos e buscam reformar práticas e doutrinas. Isso gera novas tradições cristãs, das quais surgem inúmeras denominações ao longo dos séculos.

Enquanto isso, o cristianismo se espalha pelo mundo através de rotas comerciais, missões e colonizações. Cada região absorve e transforma elementos da tradição: surgem expressões africanas, latino-americanas, asiáticas. A fé ganha sotaques.

Hoje, o cristianismo é um vasto ecossistema: católicos, ortodoxos, protestantes, pentecostais, evangélicos, e uma infinidade de subgrupos. Apesar das diferenças, todos giram em torno de um núcleo comum: a vida e o ensinamento de Jesus, a ideia de salvação, a importância do amor, e a esperança de uma realidade renovada.

A história do cristianismo é cheia de paradoxos: já foi religião de perseguidos e de impérios; inspirou guerras e movimentos de paz; justificou injustiças e impulsionou lutas por liberdade.

O Islamismo (7 D.C.):

O islamismo nasce como um daqueles momentos históricos em que um conjunto de ideias, um ambiente político conturbado e uma figura carismática se encontram e reorganizam o mundo. Ele surge no século VII, na Península Arábica, e se espalha com velocidade impressionante — não porque era “espada na mão”, como certos clichês dizem, mas porque oferecia uma visão espiritual clara, simples e profundamente social.

O ponto de partida é Muhammad (Maomé), um comerciante de Meca conhecido por integridade. Aos 40 anos, ele começa a ter experiências espirituais que interpreta como revelações do Deus único, Allah. Essas mensagens são reunidas no Alcorão, um texto poético e poderoso que funciona como eixo da fé islâmica. Muhammad não inventa a ideia de um Deus único; ele se vê como parte da mesma linha profética de Abraão, Moisés e Jesus. O islamismo se entende como a “reta final” dessa tradição.

A base conceitual é elegante e direta: há um único Deus, misericordioso e justo, e os seres humanos devem se alinhar com essa realidade através da fé, da prática e da responsabilidade ética. Nada de intermediários complicados. Nada de castas religiosas. Nada de separação entre espiritualidade e vida cotidiana.

Os pilares que estruturam a prática são cinco:

professar a fé,
orar cinco vezes ao dia,
dar esmolas aos necessitados,
jejuar no mês do Ramadã,
fazer peregrinação a Meca ao menos uma vez na vida, se possível.

Essas práticas funcionam como um metrônomo espiritual: lembram constantemente que a vida tem ritmo, propósito e comunidade.

Depois da morte de Muhammad, surge a primeira grande divisão: quem deveria liderar a comunidade? Esse debate leva à separação entre sunitas (a maioria) e xiitas (um grupo significativo). A diferença nasceu de política, mas com o tempo ganhou nuances teológicas e culturais.

O império islâmico se expande rapidamente — da Espanha à Índia — e com ele floresce uma civilização vibrante. Matemática, medicina, astronomia, filosofia, poesia, arquitetura: o mundo islâmico medieval vira um laboratório intelectual

poesia, arquitetura: o mundo islâmico medieval vira um laboratório intelectual gigantesco. Enquanto boa parte da Europa patinava no pós-império romano, cidades como Bagdá, Córdoba e Damasco estavam traduzindo Aristóteles, inventando álgebra e observando estrelas com precisão espantosa.

No plano espiritual, o islamismo também tem uma vertente profunda e contemplativa chamada sufismo, que enfatiza a experiência direta de Deus por meio de práticas meditativas, poesia e música. É ali que surgem figuras como Rumi, cujos poemas até hoje ecoam pelo mundo como se fossem conversas com o infinito.

Com o tempo, o islamismo se espalha por rotas comerciais e culturais, não apenas militares: Indonésia, por exemplo, se torna o maior país muçulmano do mundo sem guerras de conversão. O islamismo aprende o sotaque de cada lugar em que toca — africano, persa, turco, indiano, árabe — e vira um mosaico vivo.

Hoje o islamismo é uma das maiores religiões do planeta, diverso como poucos imaginam: há grupos liberais, tradicionais, místicos, modernistas, reformistas. O que une essa pluralidade é a ideia de submissão consciente à realidade divina e um senso muito forte de comunidade global, a ummah.

As religiões africanas

As religiões africanas tradicionais formam um universo vibrante, plural e profundamente enraizado na vida cotidiana dos povos do continente. Não existe uma “religião africana” única; o que existe é uma constelação de sistemas espirituais que compartilham certos princípios, mas variam de região para região. O que segue é um panorama para situar as ideias centrais, sempre lembrando que estamos falando de tradições que nasceram muito antes de registros escritos e que, por isso, misturam história, mito e prática comunitária.

A espinha dorsal da espiritualidade africana gira em torno da relação entre o mundo visível e o invisível. O mundo físico não é visto como separado do espiritual — cada árvore, corrente de água, montanha e ancestral participa da teia viva do cosmos. Essa continuidade entre planos torna o sagrado algo presente, não distante.

A maioria das tradições reconhece uma divindade suprema, criadora, mas muitas vezes retirada ou distante do cotidiano. No dia a dia espiritual, quem age são forças intermediárias: espíritos da natureza, entidades tutelares, ancestrais e, em algumas culturas, panteões completos de divindades especializadas. É o caso

notável dos iorubás, cujo conjunto de orixás — como Oxum, Xangô, Iansã e Ogum — viajou com os povos escravizados até as Américas e deu origem a expressões como candomblé e santería.

Os rituais africanos tradicionais são eminentemente comunitários. Dança, canto e tambor não são adereços estéticos; são tecnologias espirituais, meios de comunicação entre planos. A música, sobretudo, funciona como canal que sincroniza corpo, memória e ancestralidade. Há também forte uso de máscaras e objetos rituais, entendidos como suportes de presença espiritual.

O culto aos ancestrais talvez seja a característica mais transversal. Os mortos não são considerados ausentes; integram a família ampliada e participam das decisões, das colheitas, da proteção e da identidade do grupo. A linhagem é uma ponte de mão dupla: os vivos honram, os ancestrais orientam.

Outro ponto importante é que essas tradições se adaptam com uma flexibilidade surpreendente. Elas absorvem influências históricas sem perder sua espinha dorsal. Esse traço explica como religiões africanas floresceram em diásporas forçadas, resistindo à opressão e gerando novas formas híbridas.

Candomblé

Candomblé é uma daquelas criações culturais que só surgem quando mundos distantes se chocam e, em vez de se destruírem, se misturam. Ele nasce no Brasil, mas carrega dentro de si a respiração de várias tradições africanas — principalmente iorubá, banto e jeje — que atravessaram o Atlântico nas piores condições imagináveis. O espanto é que, mesmo assim, sobreviveram e floresceram.

A espinha dorsal do candomblé é a relação entre humanos, natureza e os orixás, que são forças-personagens, cada uma com seu temperamento, seu campo de ação e seu ritmo. Não funcionam como “deuses” no sentido ocidental; são manifestações da energia do mundo. Xangô é trovão e justiça. Iemanjá é mar e maternidade. Ogum é metal, tecnologia e movimento. Cada orixá conta histórias que explicam a maneira como o universo dança.

O rito se organiza em torno da comunidade chamada terreiro, que não é apenas um lugar; é um organismo. Há hierarquias tradicionais, pessoas iniciadas, funções rituais, aprendizado oral. A música é o motor espiritual. Atabaques, cantigas em línguas africanas e coreografias ancestrais não são apenas som e gesto — são tecnologia ancestral para alterar a consciência e “ligar o fio” entre mundo visível e invisível.

A ideia de incorporação é fundamental. Quando alguém “vira” no orixá, não é uma performance teatral; é um encontro, quase como uma visita de um parente mais antigo. Cada movimento, cada passo da dança, tem códigos antigos que contam mitos de criação e batalhas cósmicas. O corpo vira biblioteca viva.

No candomblé, o tempo se move de um jeito próprio. Rituais seguem ciclos lunares, agrícolas, espirituais. A comida ganha protagonismo — não para ser comida por humanos, mas para estabelecer relações com os orixás. Essa relação com a comida diz muito sobre a cosmologia: alimentar é manter o equilíbrio do mundo.

Outro ponto bonito é que não existe demônio. A ideia de mal absoluto é estranha ao candomblé. Até Exu, tão mal interpretado por comparação com figuras cristãs, é mensageiro, movimento, conexão. Ele não é inimigo: é trânsito.

O candomblé também guarda memórias de resistência. Durante séculos, praticantes foram perseguidos, proibidos, presos. Ainda assim, sua lógica foi mais forte que a violência. Uma religião construída para celebrar a vida e equilibrar o mundo continuou existindo mesmo contra todas as pressões.

Hoje, ele funciona como espaço cultural, identidade, espiritualidade e sabedoria ancestral. Quem entra num terreiro percebe um detalhe quase sempre ignorado: a religiosidade ali não busca separar o humano do mundo, mas ligar tudo — pessoas, plantas, animais, som, memória e destino — numa rede em que cada gesto importa.

Espiritismo

Espiritismo, no sentido kardecista que se desenvolveu no Brasil, é uma daquelas tentativas humanas de montar um mapa coerente para o que parece invisível, mas influencia tudo. Ele nasce na França do século XIX, em plena febre científica, quando Allan Kardec resolve tratar os relatos de espíritos não como superstição, mas como fenômenos a serem estudados com método — ou pelo menos com a aparência de método. Esse detalhe histórico deixa uma marca curiosa: o espiritismo sempre tenta conversar com a razão, mesmo quando abraça o mistério.

A ideia central é simples e poderosa: a alma sobrevive ao corpo, reencarna diversas vezes e evolui moralmente ao longo dessas vidas. Não há céu estático, nem inferno eterno. Há aprendizado contínuo. Cada existência é uma sala de aula; algumas leves, outras difíceis.

O universo espiritista é organizado por três pilares. Primeiro, a imortalidade da alma. Segundo, a comunicabilidade dos espíritos, que supostamente podem conversar com os vivos, orientar, esclarecer ou até pedir ajuda. Terceiro, a lei de causa e efeito, uma espécie de gravidade moral: escolhas geram consequências que voltam, mais cedo ou mais tarde, para educar, não para punir.

Esse ponto é decisivo: para o espiritismo, não existe mal absoluto nem condenação eterna. Espíritos considerados “sofredores” não são inimigos, mas seres em processo de cura. Essa visão profundamente terapêutica explica por que o espiritismo encontrou tanto terreno fértil no Brasil, especialmente no século XX. Mistura racionalidade europeia com calor comunitário brasileiro.

As práticas comuns são reuniões de estudo, sessões mediúnicas (muitas vezes discretas, com pouco ritual visível) e assistência moral e material a quem precisa. Casas espíritas acabam funcionando como centros de acolhimento, oferecendo desde passes — um tipo de harmonização energética — até apoio emocional. Há uma ética forte de caridade, mas uma caridade que pretende ser educadora, não apenas paliativa.

O espiritismo brasileiro também dialoga com uma porção de outras tradições. Dialoga com o catolicismo popular, com práticas de cura, com a ciência moderna, com a literatura. Uma figura como Chico Xavier é exemplo disso: um médium que se tornou referência cultural, autor de centenas de livros psicografados, muitos deles mais focados em mensagens de consolo do que em dogma.

O espiritismo, no fundo, propõe uma cosmologia moral: o universo é uma escola. Ninguém está perdido para sempre. Todo sofrimento é temporário. E a evolução espiritual é o propósito maior da existência. Para quem vive num mundo acelerado, isso bate como um lembrete de que o tempo do espírito é mais amplo do que nossas urgências cotidianas.

Umbanda

Umbanda é uma invenção brasileira no melhor sentido da palavra: nasce do encontro, do improviso criativo e da necessidade de dar forma espiritual a um país que sempre viveu misturado. Ela surge oficialmente no começo do século XX, no Rio de Janeiro, mas suas raízes mergulham em três solos distintos: tradições africanas, espiritismo kardecista e catolicismo popular. O resultado é uma religião que respira diversidade e conversa com muitos mundos ao mesmo tempo.

A peça central da umbanda não é um panteão fixo de deuses, mas um sistema de linhas e entidades espirituais. O que se manifesta nos terreiros são espíritos que representam forças simbólicas do povo brasileiro. Caboclos, pretos-velhos, crianças, boiadeiros, marinheiros... Cada linha é uma metáfora viva, uma forma de ensinar, consolar, aconselhar. Caboclo fala com firmeza e sabedoria ancestral. Preto-velho fala com paciência e doçura. Criança traz leveza. A linguagem muda, mas o propósito é sempre guiar.

A umbanda não trabalha com “deuses” no sentido clássico. Ela reconhece Olorum como princípio divino supremo — ideia herdada das tradições africanas. E reconhece orixás como grandes forças da natureza, mas eles não “baixam” nos médiuns. Quem atua diretamente são as entidades guias, enquanto os orixás funcionam como arquétipos e campos de energia que estruturam a vida.

O ritual é simples e profundo. Toque de atabaque, cânticos próprios, ponto riscado, defumação com ervas, oferta simbólica à natureza. A estética é menos exuberante que a do candomblé; a ênfase está na caridade espiritual: aconselhamento, passes energéticos, tratamento moral. A umbanda gosta de resolver nó da alma.

Uma marca importante é a ideia de sincretismo, mas não como mistura bagunçada. Sincretismo, na umbanda, é estratégia histórica: durante muito tempo, praticantes usaram santos católicos como máscaras para preservar orixás e guias, escapando da repressão. Isso criou uma dupla camada simbólica que muitos terreiros ainda utilizam, enquanto outros preferem separar elementos africanos e católicos.

Umbanda também é uma religião do “meio-termo”. Ela recusa extremos. Não tem hierarquia rígida, não tem dogma fechado, não tem livro sagrado único. Aprende-se na prática, na convivência, na escuta. É uma religião que entende espiritualidade como relação — entre pessoas, entre planos, entre tradições.

Existe um ponto frequentemente mal interpretado: não há culto ao mal. Exu e Pombagira, por exemplo, não são demônios. São guardiões de fronteira, especialistas em lidar com as zonas onde a vida complica. Trabalham com energia crua, mas dentro de uma lógica ética. Quem interpreta essas figuras como malignas está lendo umbanda com lente errada.

O encanto da umbanda está nessa capacidade de traduzir o Brasil espiritual. É uma religião que acolhe quem chega, oferece explicações simbólicas para dores do cotidiano e promove um senso de pertencimento que não depende de credo anterior. Entrar num terreiro é perceber que ali convivem a força da terra, a memória dos ancestrais, a fé popular e uma generosidade muito brasileira.

Quimbanda:

Quimbanda é um daqueles temas que costuma gerar calafrios por desinformação, não por essência. Para falar dela com clareza, é preciso tirar a poeira dos equívocos históricos. Vamos por partes, como quem acende uma vela para iluminar um quarto escuro.

Quimbanda não é simplesmente “o oposto da umbanda”, nem é um culto ao mal — essa ideia vem de interpretações coloniais e de leituras cristãs que tentaram rotular qualquer prática africana fora dos seus moldes como perigosa ou demoníaca. O que se chama de quimbanda hoje é, na verdade, um conjunto de práticas religiosas e mágicas que se estruturaram no Brasil entre os séculos XIX e XX, principalmente nas regiões urbanas. Ela nasce no cruzamento entre tradições banto, influências indígenas, magia popular, cultos de entidades e elementos do esoterismo ocidental.

O traço mais marcante da quimbanda é o culto direto a Exus e Pombagiras. Mas aqui vem o ponto central: Exu da quimbanda não é o Exu divinizado do candomblé, nem o mensageiro equilibrado da umbanda. Na quimbanda, Exu aparece como entidade espiritual autônoma, ligada ao movimento, ao desejo, às encruzilhadas da vida — aquelas zonas de conflito onde escolhas ganham peso. São espíritos que operam na margem, não no centro. Isso os torna especialistas em lidar com situações humanas complexas: paixão, poder, justiça, conflitos, caminhos fechados.

A estética da quimbanda acompanha esse simbolismo. Trabalha com velas vermelhas e pretas, bebidas fortes, charutos, pontos riscados e firmezas voltadas para o trato direto com energias densas. Não há intenção de “purificar” o mundo no sentido moralista; o foco é resolver, agir, destravar, proteger, abrir caminhos. A quimbanda lida com a realidade humana sem verniz. Onde a umbanda suaviza, a quimbanda mergulha.

Por isso, enquanto a umbanda enfatiza caridade e elevação moral, a quimbanda enfatiza poder de ação espiritual. Não se trata de bondade ou maldade, mas de funcionalidade. Quem busca quimbanda geralmente procura respostas rápidas, intervenções nos fluxos da vida, apoio em questões que outras tradições evitam: relações intensas, disputas, medos, injustiças e vulnerabilidades.

A estrutura ritual não é padronizada. Cada casa tem sua lógica. Algumas seguem linhas mais tradicionais — com reis e rainhas de Exu, hierarquias próprias,

fundamentos antigos. Outras funcionam de forma mais “livre”, influenciadas por ocultismo europeu, cabala, magia cerimonial. É um campo amplo, vivo e heterogêneo.

A maior injustiça contra a quimbanda é culpa-la de intenções malignas. Ela não cultua “demônio”, porque essa categoria simplesmente não faz sentido dentro da cosmologia africana. O que existe é energia bruta, direta, crua — e entidades que conhecem bem o subsolo da experiência humana. Quimbanda não promete um mundo perfeito; promete ferramentas para navegar um mundo imperfeito.

Vistas de fora, as práticas parecem sombrias porque lidam com zonas que a sociedade prefere fingir que não existem. Mas vistas de dentro, revelam uma lógica clara: equilibrar forças, negociar caminhos, fortalecer indivíduos, lidar com sombras sem negar a existência delas.

Esses foram alguns exemplos de religiões pelo mundo, para ter uma idéia da complexidade disso, instituições como o Pew Research Center ou o World Religion Database apontam algo entre 4.000 e 10.000 tradições religiosas ativas. A maior parte das religiões da antiguidade — especialmente aquelas baseadas em tradição oral — desapareceu sem deixar registro. O que sabemos é apenas o topo do iceberg: Egito antigo, Mesopotâmia, fenícios, hititas, mitraísmo, cultos greco-romanos, religiões celtas, germânicas, eslavas, inúmeras tradições africanas pré-coloniais, religiões indígenas das Américas, espiritualidades aborígenes da Oceania, sistemas asiáticos que foram engolidos por impérios... e milhares que nem nome chegaram a ter na história escrita.

Com base no que a antropologia entende do desenvolvimento humano, podemos afirmar com segurança que milhares e milhares de religiões já existiram, provavelmente dezenas de milhares ao longo dos últimos 300 mil anos de *Homo sapiens*. Cada povo encontrou seu jeito de conversar com o invisível.

“Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia” - William Shakespeare.

Depois de decorrer brevemente sobre alguns exemplos de crença, podemos ver que nenhuma religião tem como base o mal, o egoísmo, a perseguição, a propriedade da verdade e de Deus, o preconceito e o dinheiro. Portanto, me atrevo a afirmar que todos deveriam estudar e conhecer a doutrina de pelo menos, as principais religiões do mundo para que se tenha uma perspectiva mais clara, não da religião, mas da fé.

Estudar a fé deveria ser básico a todas as pessoas, pois cada um poderia seguir práticas variadas, vamos entender, cada religião tem uma pedra fundamental, uma base com suas regras que chamamos de dogmas, dogmas refere-se a um princípio ou doutrina fundamental de uma crença (religiosa, filosófica ou política) que é considerado uma verdade absoluta, definitiva e inquestionável, devendo ser aceito sem discussão por seus seguidores, como um fundamento da fé ou um conjunto de regras imutáveis, embora o termo também possa ter uma conotação negativa, sugerindo decisões forçadas ou opiniões impostas. Em contextos como o catolicismo, um dogma é uma verdade revelada por Deus, proclamada pela Igreja, e sua rejeição é considerada heresia. Realmente isso é extremamente perigoso, pois qualquer sacerdote pode afirmar um dogma inventado por ele, e aquilo se torna verdade absoluta, afetando o discernimento de todos os adeptos daquela crença.

Mas digamos que você goste da doutrina, mas não aceite alguns dogmas, o que impede você de filtrar essa doutrina, seguir apenas aquilo que você acha certo e mais, agregar a essa doutrina pessoal outras práticas e filosofias de outras religiões? Você pode ser um cristão tradicional, mas gostar de práticas como meditação, banhos de ervas, e muitas outras que não fazem parte de sua prática religiosa. Das religiões citadas nesse livro com quais filosofias você teve mais afinidade? Porque não agregar as que você acha mais pertinente e excluir o que não te faz sentido? Claro que você não vai entrar em discussões ou debates, não se deve questionar os dogmas de uma religião, mas ter uma visão só sua, que você siga, sem satisfações, explicações, nem nada disso, pois a religião se aplica no seu íntimo, coletivamente você segue a religião que escolher, mas intimamente você segue sua própria doutrina. O que quero dizer é que a religião é um instrumento para o desenvolvimento espiritual, você usa a religião para crescer, não é ela que te usa.

Mas o que tudo isso tem a ver com política? Pois é, vamos descobrir agora...

POLÍTICA

Política é uma daquelas invenções humanas que nasce do encontro inevitável entre duas verdades: ninguém vive completamente sozinho e ninguém concorda com ninguém o tempo todo. Quando essas duas condições se chocam, surge a necessidade de decidir como vamos organizar a vida em comum. Esse “como” é política, é o conjunto de práticas, instituições e decisões que usamos para organizar a vida em grupo.

A palavra vem da Grécia antiga, de polis, que significa “cidade”. Os gregos perceberam cedo que viver junto exige conversa, deliberação, disputa e, principalmente, regras — porque quando não há regras, a força fala mais alto e o mais forte leva tudo. Política é, então, o mecanismo que tentamos usar para impedir que a vida vire um campeonato permanente de quem grita mais.

Ela surge exatamente quando grupos humanos deixam de ser pequenas tribos móveis e passam a viver em sociedades maiores, com agricultura, propriedade, vizinhos que não são parentes, comércio e conflitos mais complexos. Quanto maior o grupo, mais difícil manter tudo na base da conversa ao redor da fogueira. Aí entram conselhos, líderes, assembleias, caciques, anciãos, reis, parlamentos... formas diferentes de resolver problemas que ninguém consegue resolver sozinho. Dessa forma podemos afirmar que política se resume a criar regras que protejam e beneficiem a sociedade como um todo, sem fazer distinção.

Para cuidar de todos os interesses da população, escolhemos pessoas capazes e competentes em cada função a qual estão sendo eleitas. O órgão em que essas pessoas atuam é o governo, a **única** função do governo é administrar os recursos públicos, ou seja, o dinheiro dos cidadãos, para que esses recursos retornem em benefícios para a sociedade. Portanto a única função dos ditos políticos é fazer valer a vontade do povo, pois o governo só existe para o povo e pelo povo. Muito bonito na teoria, mas na prática é completamente diferente, em muitos países a corrupção é notória, será que a vontade do povo é o aumento de impostos? O ataque à família? O boicote à educação? O boicote à segurança? O afrouxamento das leis para bandidos? O emburrecimento coletivo? Pessoas brigando por ideologia, partido político, lavagem cerebral, quando tudo isso acontece é fácil perceber que não há política sendo feita.

Um país não pode ter direita e esquerda, o governo deve trabalhar para todos e ponto final, tanto para o empresário como para o trabalhador, temos que ser livres para fazer o que quisermos, e viver dignamente, o governo não pode ter direito sobre o que eu tenho, sobre o que eu ganho ou sobre o que eu gasto, o governo trabalha pra mim e não o contrário, o governo me deve, eu não devo nada ao governo, temos que pagar impostos sim, mas o mínimo possível.

Temos que pensar nos políticos como empregados, quando você contrata um empregado, você procura saber de suas capacitações, suas referências, se é de confiança, se tem experiência, se é competente, tudo que for preciso pra ter certeza que ele vai fazer um bom trabalho, a mesma coisa deve ser o político, não posso votar em alguém apenas porque ele é legal, fala bem, é bonito ou é alguém conhecido, precisamos saber se ele vai desempenhar a função de forma competente, independente se não gosto dele, se ele fala palavrão ou é anti-social as vezes, o que me interessa é se ele vai cumprir com suas obrigações, igual aquele funcionário que é rabugento, chato, mas é um excelente funcionário. Por isso que hoje o político não perde seu tempo estudando e sim aprendendo a como enganar de forma eficaz. Claro que não estou generalizando, existem políticos muito bons e esses nós temos que apoiar.

Hoje com a tecnologia, podemos acompanhar o trabalho desses políticos, as leis que são colocadas em votação e se caso não estivermos satisfeitos, temos o direito e o dever de cobrá-los, já que eles são nossos representantes, eles não podem agir contra nossa vontade, senão não tem o porque de eles estarem lá.

Temos hoje duas formas de governo que são opostas e que dividem opiniões: o capitalismo e o comunismo. Temos que entender que capitalismo e comunismo é diferente de direita e esquerda, apesar da direita pender para o capitalismo e a esquerda pender para o comunismo. O capitalismo é ótimo, tanto é que deu certo em muitos países, ao contrario do comunismo que nunca deu certo em nenhum. Porém o capitalismo precisava de uns ajustes, que vieram com os ideais de esquerda, a esquerda portanto atua para regular a direita, o entendimento desse equilibrio é que traz a segurança necessária para o povo.

Mas vamos explicar melhor cada tipo de governo:

Capitalismo: é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção (terras, fábricas, empresas) e na busca de lucro individual, com a distribuição de bens e serviços determinada majoritariamente pelo mercado — ou seja, oferta e demanda. Ele se apoia em incentivos individuais e na competição como motores de crescimento, inovação e eficiência.

Em essência, o capitalismo diz: se cada pessoa ou empresa busca maximizar seu benefício, o coletivo pode se beneficiar de maneira indireta, porque os recursos tendem a fluir para onde há mais demanda e utilidade.

O capitalismo não surgiu de repente. Ele tem raízes em:

Mercantilismo (séculos XVI–XVIII): O Estado europeu buscava acumular riquezas e metais preciosos, estimulando comércio e colônias. Ainda havia forte intervenção estatal.

Revolução Industrial (século XVIII–XIX): O capitalismo moderno emerge de fato com a industrialização, máquinas a vapor, fábricas, urbanização e inovação tecnológica. A produção em massa começa a dominar a economia, substituindo o trabalho artesanal e agrícola.

Capitalismo financeiro e global (século XX–XXI): Expansão de bancos, bolsas de valores, multinacionais e, mais recentemente, da economia digital e das startups. O mercado deixa de ser local e passa a ser global.

O capitalismo também se desenvolveu em paralelo com ideias filosóficas de liberdade individual, propriedade privada e direito de contratar, associadas ao liberalismo clássico.

Características principais

Propriedade privada – indivíduos ou empresas possuem recursos e meios de produção.

Busca de lucro – incentivo central do sistema; lucro guia decisões de investimento e produção.

Economia de mercado – preços e distribuição determinados pela oferta e demanda.

Competição – empresas e pessoas competem por clientes, mercados e recursos.

Trabalho assalariado – a força de trabalho é contratada e remunerada.

Acumulação de capital – reinvestimento de lucros para gerar mais produção e riqueza.

Tipos de capitalismo

Capitalismo liberal / laissez-faire: mínima intervenção do Estado, mercado livre.

Capitalismo regulado / Estado de bem-estar: mercado guiado pelo Estado para reduzir desigualdades (ex.: países nórdicos).

Capitalismo de crony / corporativo: forte influência de empresas no Estado, favorecendo oligopólios e corrupção.

Capitalismo globalizado / neoliberal: comércio internacional intenso, multinacionais dominando mercados, forte ênfase em privatizações e desregulação.

Comunismo:

O ponto de partida é Karl Marx e Friedrich Engels, dois sujeitos do século XIX fascinados por entender como a sociedade funciona. Eles viam o capitalismo industrial como um motor poderoso, mas cheio de engrenagens rangendo. Para eles, o problema central era a luta de classes: de um lado, quem possuía os meios de produção — máquinas, terras, fábricas; do outro, quem tinha apenas sua força de trabalho para vender.

A ideia do comunismo, na teoria original, não nasce como um plano pronto. É mais uma hipótese ousada: se a sociedade evolui através de conflitos de classe, então haveria um estágio futuro onde esse conflito some porque ninguém mais poderia explorar ninguém. Nessa visão, os meios de produção seriam de uso coletivo, e o Estado — aquele grande árbitro — deixaria de fazer sentido. Marx chamava isso de “a dissolução do Estado”. É um destino final da história, não um programa de governo imediato.

A prática, claro, acabou muito diferente da teoria. Quando a Revolução Russa de 1917 tentou aplicar algo inspirado em Marx, as circunstâncias eram péssimas: um império atrasado, uma guerra mundial, fome e caos. A receita real ficou distante da receita teórica. O resultado foi um sistema de partido único, com economia planificada, forte centralização e uma burocracia gigantesca. A promessa de uma sociedade sem classes virou um regime que controlava quase todos os aspectos da vida social.

Outros países seguiram caminhos parecidos, cada um com sua versão: China, Cuba, Vietnã, Coreia do Norte... todos nasceram de contextos muito específicos, geralmente de guerra, crise profunda ou dominação estrangeira. E cada um adaptou a ideia original a realidades bem distintas. Se Marx sonhava com um mundo sem Estado, o que surgiram foram Estados mais fortes do que qualquer monarca do passado.

Em termos econômicos, o comunismo aplicado tentou substituir o mercado por planejamento central. Uma equipe de burocratas decidiria quanto produzir, onde produzir e para quem distribuir. Isso funcionava relativamente bem para metas gigantes — como industrializar um país em dez anos — mas desmoronava quando o assunto era diversidade, inovação, ajustes rápidos, incentivos e qualidade de vida. A economia virava um colosso de aço que não sabia dançar.

Politicamente, os regimes comunistas clássicos tinham uma visão particular: acreditavam que o partido representava a consciência histórica da classe trabalhadora, e portanto devia controlar o processo até que a sociedade

“amadurecesse”. A prática disso foi menos filosófica e mais concreta: censura, perseguição política, eliminação de opositores e concentração de poder.

Socialmente, há méritos curiosos e contradições enormes. Vários países comunistas conseguiram avanços expressivos em alfabetização, universalização da saúde e industrialização. Ao mesmo tempo, a liberdade individual era tratada como detalhe dispensável — e sociedades inteiras viveram sob vigilância constante.

Vale lembrar que o comunismo real e o comunismo teórico são parentes distantes, quase como um romance que, quando levado ao cinema, muda tanto que o autor mal se reconhece.

Hoje, quase nenhum país se define como comunista no sentido ortodoxo. A China, por exemplo, virou um laboratório estranho: capitalismo selvagem na economia, partido único no poder. Cuba tenta se reformar aos poucos. O Vietnã seguiu linha parecida à chinesa. A Coreia do Norte é um caso tão singular que até os teóricos marxistas torcem o nariz.

O comunismo persiste mais como símbolo, crítica ou horizonte utópico do que como modelo prático. Serve como lente para analisar desigualdades, como combustível para movimentos sociais, e como alerta histórico para os riscos de concentrar poder na tentativa de criar um “homem novo”.

A política humana é isso mesmo: cheia de promessas, desvios, paradoxos e experimentos.

Em verdade, o comunismo e o socialismo que são bandeiras de esquerda, são usados hoje para tomada de poder, pois sua ideologia não se sustenta, visa enfraquecer a moral, tornar mentiras em verdades, tratabalhores em vagabundos e atacar sistematicamente tudo que é importante para a vida do cidadão, tirar o poder do povo e transferir para o estado, caracterizando assim uma ditadura. - Quanto menos o povo sabe, mais fácil de ser manipulado.

Se você é um daqueles que diz: Não gosto de política, nem sei o que está acontecendo... você já é parte do gado que eles precisam pra se manter no poder.

Assim como na religião, a política não pode se restringir a uma ideologia ou um partido, não é time de futebol, muitas pessoas defendem um partido, quando deveriam defender uma base de ideias e objetivos, temos que entender que a política dita o caminho das pessoas, a pobreza num país não está ligado a sua

população e sim ao seu governo, quanto mais pobreza há, mais incompetente é o governo, quanto mais impostos há, mais corrupto é o governo. Como posso escolher certo os meus representantes?

Primeiro temos que entender que não basta trocar um ou dois, temos que trocar tudo, porque se está dando errado é porque a grande maioria dos ditos representantes está envolvida. Mas primeiramente vamos pensar no seguinte:

O que eu quero pra mim, riqueza ou pobreza? liberdade ou opressão? Mais impostos ou menos impostos? incentivo para crescimento ou sufocamento das empresas? quero que meu filho tenha um futuro ou que passe ainda mais dificuldade do que eu estou passando?

E agora vou ser bem direto, o que vou mostrar são dados, fatos, não tem nada a ver com narrativas ou com distorcer a realidade, qualquer dúvida que você tenha, uma simples pesquisa vai validar o que vem a seguir:

A esquerda tende ao comunismo e a pobreza da população, a direita tende ao capitalismo e a meritocracia, estude, trabalhe e conquiste, a esquerda tende a opressão, ditadura e fascismo, a direita tende a liberdade, a esquerda tende a aumentar impostos, a direita tende a diminuir impostos, na esquerda o empresário é o mal, na direita é o motor que impulsiona a economia. Tudo isso não saiu da minha cabeça, é dado, é fato, basta observar a última década. Tudo que falam é mentira, é a mesma narrativa a vinte anos, a culpa é sempre do outro e o povo ainda passa dificuldades, as mesmas que passava a vinte anos atrás.

Mas a base da esquerda não é essa, ela foi deturpada, pegaram uma ideia de proteção ao trabalhador diante do capitalismo selvagem de antigamente e transformaram em uma ideologia maligna de destruição de valores, manipulação da massa e conquista do poder a qualquer preço.

Quando fazemos um simples exercício de pensamento, de alinhar aquilo que nós queremos aquilo que nos entregam, fica muito fácil de decidir em quem votar.

E tem mais um detalhe: países comunistas seguem um regime de esquerda, o comunismo é de esquerda. O comunismo tem como um de seus objetivos principais, destruir os valores éticos e morais, portanto nos países comunistas existe uma forte perseguição às religiões, pois as religiões representam uma ameaça ao comunismo, porque o comunismo não quer cabeças pensantes, quer cabeças que eles possam controlar, cabeças fracas.

Mas afinal, agora que temos uma ideia de religião e política o que uma tem a ver com a outra?

Religião e política costumam ser tratadas como forças opostas, como se uma existisse para anular a outra. Essa percepção, porém, ignora a própria estrutura da vida social. Desde as primeiras comunidades humanas, essas duas esferas surgiram como maneiras diferentes — mas complementares — de organizar a convivência, construir significados e orientar decisões coletivas. Cada uma nasceu para responder a perguntas fundamentais que o ser humano sempre enfrentou: “Como devemos viver?” e “Como devemos conviver?”.

Religião, em qualquer de suas formas, oferece sentido, identidade e valores. Ela cria narrativas que explicam a existência, inspira comportamentos, constrói vínculos e estabelece códigos éticos. Em sociedades antigas, foi através dela que surgiram as primeiras normas de reciprocidade, de justiça, de cuidado com o outro e de responsabilidade moral. Esses elementos são essenciais para qualquer organização política estável. Uma comunidade sem referências éticas comuns dificilmente consegue formular leis ou produzir cooperação.

Política, por sua vez, é a arte de traduzir valores em regras práticas. Quando uma sociedade define suas leis, distribui responsabilidades e cria instituições, está transformando princípios abstratos em estruturas concretas. A política existe para garantir que essas regras sejam aplicadas, adaptadas e discutidas continuamente. Ela lida com o espaço público, enquanto a religião costuma trabalhar com o campo simbólico e moral. Mas ambos são pilares que se apoiam mutuamente: a moral orienta a política, e a política protege o espaço onde essa moral pode existir e se expressar.

A história deixa isso claro. As grandes civilizações — do Egito ao mundo greco-romano, de sociedades indígenas às do Oriente — sempre integraram crenças e organização pública. Não porque confundiam fé com poder, mas porque entendiam que os elementos simbólicos de uma cultura moldam a visão de mundo de seus cidadãos, e essa visão de mundo influencia as escolhas políticas. Separar completamente esses âmbitos seria como tentar separar a raiz do tronco: cada um exerce uma função, mas a árvore só existe porque tudo se conecta.

Isso não significa, evidentemente, que religião deva controlar a política ou que o Estado deva impor crenças. Significa que nenhuma sociedade funciona ignorando os valores culturais e espirituais que influenciam a sua população. Política sem compreensão desses valores vira administração fria e desconectada. Religião isolada do mundo público perde capacidade de dialogar com a realidade concreta das pessoas. Quando caminham em paralelo, mas comunicando-se, criam uma sociedade mais coesa, capaz de equilibrar racionalidade e significado, técnica e humanidade.

Ao invés de pensar religião e política como inimigas, faz sentido vê-las como duas extremidades do mesmo fio que sustenta a vida coletiva. Uma orienta os princípios; a outra organiza a prática. E uma sociedade saudável aprende a harmonizar as duas, não a separá-las como se fossem rivais naturais.

Depois de uma noção bem clara que ele livro apresenta, porém não muito aprofundada por que existe muito mais conteúdo a ser explorado, podemos chegar a uma conclusão inevitável, hoje no Brasil não há religião, pois a dita religião é usada para satisfazer o ego, ganhar dinheiro e perseguir aqueles que não são da mesma fé, e muito pouco se fala em aprimoramento espiritual e moral, e não há política, pois o que vemos desde muito tempo é um povo refém de um governo hipócrita, incompetente e corrupto.

Devemos entender que se não fizermos por nós, ninguém fará, se não fiscalizarmos e cobrarmos, as coisas não vão mudar, e não adianta rezar, pois somos nós que temos que lutar, não adianta esperar no governo, porque até hoje ele não se importou com a população.

Crie disciplina, tenha opinião baseada em fatos e não no achismo, não no que o outro falou, busque, estude e forme sua opinião, tenha caráter, seja honesto consigo mesmo, entenda que não basta estar bom pra você, tem que estar bom para todos, pois se hoje está bom pra você e ruim para o outro, amanhã pode estar bom para o outro e ruim pra você, mas se sempre estiver bom para todos, encontramos a harmonia e o real significado de religião e política.

Não adianta fugir, religião e política são dois grandes alicerces da sociedade, se você fecha os olhos para algum deles você condena uma sociedade inteira ao fracasso.

Essa obra foi criada para conscientização de que o poder está no povo, sempre esteve e sempre estará, portanto o povo escolhe se quer falar ou se quer se calar.

Assuma a responsabilidade e não deixe se enganar por narrativas que tem o único intuito de te manipular, baseie-se em fatos, em números, em verdades, porque vão tentar a todo custo distorcer a realidade para manter sua mente aprisionada e fraca.

Desejo de todo o coração que você tenha uma vida próspera e cheia de realizações.

Um forte abraço.